



GT 02. Amazônia e Nordeste indígenas: por uma etnologia transversa

Coordenador(es):

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA)

Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Ugo Maia Andrade (UFS - Universidade Federal de Sergipe)

Trata-se de reeditar o fórum de debates – iniciado há quase uma década nos espaços da RBA e REA – em busca de confluências etnográficas entre sistemas ameríndios na Amazônia e no Nordeste/Leste brasileiro, regiões cujas etnologias tradicionalmente vêm conservando, uma em relação à outra, reservas e antíteses de naturezas conceitual, metodológica e ideológica. Mais que ratificar distinções, cabe procurar as membranas e intersecções entre as etnologias produzidas sobre ambas as regiões, seja, por exemplo, através de pesquisas sobre sociogêneses na Amazônia ou sobre o xamanismo atinente ao complexo do Toré no Nordeste/Leste. Nesse espírito, o GT pretende reunir comunicações interessadas na construção de comparações etnológicas Amazônia-Nordeste/Leste a partir de eixos comuns que modulam relações interindígenas ou entre índios e não índios – sob olhares etnográfico, histórico ou etno-histórico – preservando o espírito salutar de propor alternativas à dicotomia “externalismo X internalismo” que tem balizado a produção antropológica sobre o Nordeste/Leste e a Amazônia indígenas, nas últimas décadas, e que urge problematizar, mediante a criação de um espaço que acolha os distintos contextos etnográficos e as diversas perspectivas teórico-metodológicas que compõem a etnologia indígena no Brasil, assegurando-lhes interação e permanente exercício comparativo. Trabalhos de pesquisadores indígenas serão especialmente bem vindos.

Os Fulni-ô no nordeste e seus princípios sociocosmológicos

Autoria: Ellen Fernanda Natalino Araujo (PPGAS MN)

A comunicação que pretendo apresentar neste GT resulta do work de campo intensivo que realizo atualmente junto ao grupo indígena Fulni-ô, o qual habita a região da Serra do Comunaty, entre o Agreste meridional e o sertão sub-médio Rio São Francisco, PE, em uma terra indígena localizada na circunscrição do município de Águas Belas. Junto ao português, também são falantes de uma língua própria, o yathê. A literatura etnológica vem estudando os povos indígenas situados na região nordeste do Brasil a partir de uma abordagem histórica (Oliveira, 1999) que busca descrever os processos sociais desencadeados a partir do “contato” com a sociedade ocidental. As análises centram-se, em geral, nas distintas estratégias políticas que tais grupos empreendem de modo a construir suas identidades étnicas (em uma dinâmica referida como etnogênese) e obter direitos territoriais e específicos diante do estado brasileiro. Sem desconsiderar a importância que tais works possuem na economia da disciplina antropológica e, principalmente, para as lutas reivindicatórias dos povos da região nordeste, a pesquisa aqui proposta se afasta dessa abordagem da “antropologia histórica” que pressupõe que os modos de vida dos povos que experimentam durante longo tempo os efeitos do capitalismo terão que ser compreendidos em resultado desses processos históricos de colonização política e econômica? (VIEGAS, 2007, p.61) para ir na direção de outra que busca compreender “o que esses povos fizeram da história?” (VIVEIROS DE CASTRO, 1999, p.165). Isto é dizer que interessa a esse work compreender a vida social contemporânea dos Fulni-ô em suas múltiplas relações internas e externas, levando em conta eventos e transformações considerados importantes da perspectiva deles. Na esteira de Gow (1991),



pretende-se aqui ?lida[r] com a história de dentro da cultura dos povos nativos?. Minha experiência em campo (quase seis meses) tende a confirmar o que se diz sobre a interdição aos não-indígenas do conhecimento das particularidades de seus rituais sagrados, da cosmologia de seus mundos, etc. a questão do segredo, se é um limite para a pesquisa junto aos Fulni-ô certamente não é o no sentido geográfico daquilo que encerra e os separa do outro, impedindo qualquer ato comunicativo, mas sim no sentido matemático, o segredo, prenante que é àquela vida, funcionaria então como uma espécie de vetor que aponta para as dimensões que importa àquela vida. Seguindo por essa linha, que pode contribuir para romper o isolamento da região etnográfica do Nordeste, no âmbito da etnologia brasileira, este projeto visa compor uma etnografia abrindo-se à possibilidade e ao desafio de descrever os princípios sociocosmológicos que constituem os Fulni-ô enquanto uma coletividade específica.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: